

## OS OBJETOS ANTES DA NOITE

Por que os objetos se esvaziaram  
Se desocuparam dos seus volumes?  
Das suas cores se derramaram  
E emagreceram nos seus limites,  
Deixando no ar, apenas, halos extremais?  
– Por quê ? Se ainda não é noite. . .

A sombra ainda não chegou  
E sem a sombra todos eles não perderam  
A sua utilidade, e, nem enlou-  
queceram.

Por que então ficaram assim noturnos?  
Por quê ? Se ainda não é noite. . .

De transparências inconstantes  
De arquiteturas oscilantes  
Parece que regrediram ao ser do ante-ser  
À sugerência do que seriam antes da forma que lhes deram.  
– O que aparece é o que parece: um parecer  
No seio do que ainda não é noite.

Por que essas imagens de fraturas  
E dentre as fendas um sorriso oculto?  
Um trismo da forma, um cirro mudo  
De uma esquecida morte: incerto vulto.  
é como se fragmentos já fosse tudo.  
Por quê ? Se ainda não é noite. . .

Fora da ilusão dos meus sentidos  
Oh! meus pobres objetos anti-diurnos  
Quanto mais guardados, tanto mais perdidos  
Tão tristes e taciturnos,  
Tão tristes que parecem que estão mortos  
No esquecido seu lugar noturno?

Mas, por que brilham? De uma luz de fora?  
Em verde, azul, e rosa de anúncios luminosos  
Quando começa a escurecer nas ruas da cidade.  
Cores fora-surgindo da primeira sombra  
– Primeira camada do crepúsculo dourante –  
Por que brilham? Se ainda não é noite. . .

É que talvez, talvez. . . é que  
A noite: várias sobrepostas:  
Tardes sobre tardes, sobre muitas,  
Muitas de muitas outras acrescidas  
– A noite: monte de tardes, é que vem tarde  
Vem tarde.